

CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA EM CONGREGAÇÕES CATÓLICAS: PRÁTICAS E IMAGENS AGENTES*

Construction of the memory in Catholic congregations: practices and agent images

Paula Leonardi**

RESUMO

Este artigo, que nasceu do estudo de quatro congregações – formadas por homens e por mulheres – criadas em meio às aparições marianas ocorridas no século XIX, discute como se dá a construção da memória no catolicismo naquele século com o fim de educar. A fim de observar as mudanças e as permanências nessas congregações, parto das ideias de Frances Yates sobre a arte da memória como parte da Prudência e de Milton Almeida, sobre um programa visual educativo desenvolvido pela Igreja Católica na Idade Média. O objetivo é analisar o uso da memória em duas vias: na construção e difusão de imagens agentes do feminino e nas prescrições de práticas para uso e controle consciente da memória, presentes em textos que contam suas histórias bem como nas regras dessas congregações.

Palavras-chave: memória, congregações católicas, imagens agentes, práticas educativas.

ABSTRACT

This article discusses the construction of memory present in the nineteenth century Catholicism, through the study of four congregations formed by men and women, who were created in the midst of the Marian apparitions in this century. The ideas of Frances Yates, about the art of memory as part of prudence, and Milton Almeida about a visual education program developed by the Catholic Church in the Middle Age are the points from which will be observed changes and continuities in the congregations created in the nineteenth century. The article proposes to analyze the memory in two ways: the construction and dissemination of images and the practices for use of memory and conscious control rules present in these congregations.

Keywords: memory, Catholic congregations, agent images, educative practices.

L'historien lui-même se ferait illusion s'il croyait s'être débarrassé de cette étrangeté interne à l'histoire en la casant quelque part, hors de lui, loin de nous, dans un passé clos.

Certeau

A Igreja Católica e as congregações religiosas estabeleceram marcas profundas e duradouras na cultura e na educação em nosso país. Para além dos seus colégios, parte dessas marcas está ligada à construção da memória, presente de maneira difusa em muitas práticas dessa instituição, seja em seus colégios, em suas igrejas e santuários, ou mesmo nas ações dos religiosos e das religiosas. A Igreja é uma instituição que se vê com a tarefa

* Os resultados desta pesquisa foram apresentados em versões parciais no Ciclo de Debates Gênero e Religião, realizado na Unicamp em 2011, e no XXVI Simpósio Nacional de História, também em 2011. Esta pesquisa contou com financiamento FAPESP no quadro de um pós-doutoramento.

** Doutora em Educação: História e Historiografia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com estágio de pós-doutorado na mesma universidade, com apoio da FAPESP. Professora de História da Educação da Universidade São Francisco. E-mail: leonardi.paula@gmail.com; paula.leonardi@usf.edu.br.

da educação universal, como portadora da única moral capaz de preservar e salvar a humanidade; que educa/evangeliza, sob alguns pilares específicos, a partir de ideias que definem o bem e o mal e pretendem conduzir a uma visão de mundo e comportamento específicos. Nesse sentido, a educação tem como fim a evangelização, e isso pode ser alcançado das mais diversas formas. Aqui estará em foco a questão da educação da memória e pela memória.

Representações em imagens que absorvemos no cotidiano fazem parte de uma educação cultural, estética, política e da memória (ALMEIDA, 1999). No cenário de mudanças do século XIX e do início do século XX, as congregações com superiora ou superior geral entraram nas lutas pela reconquista de espaços pela Igreja. Esse período foi um momento significativo de virada nas ações dessa instituição, para fazer frente a mudanças sociais, políticas e econômicas, decorrentes do avanço da industrialização e da secularização. Como forma específica de organização no interior da Igreja, as congregações, que, diferentemente das antigas ordens, estavam muito mais em contato com a sociedade, também eram produtoras de memória e de imagens.

Este artigo discute, portanto, como se dá a construção da memória no catolicismo do século XIX, através do estudo de quatro congregações que foram criadas em meio às aparições marianas ocorridas naquele século. São elas: a Congregação dos Padres de Sion (fundada em 1854 e cuja vinda para o Brasil se deu em 1912), a Congregação dos Missionários da Salette (fundada em 1852, chegada ao Brasil em 1902), a Congregação das Irmãs da Sagrada Família de Bordeaux (fundada em 1820, chegada ao Brasil em 1908) e a Congregação de Nossa Senhora do Calvário (fundada em 1833, chegada ao Brasil em 1905). Todas foram instaladas no Brasil no período em que a política ultramontana se intensificava no País. O objetivo é discutir a memória nas congregações em duas vias: na construção e difusão de imagens agentes e na formação dos quadros das congregações, ou seja, na educação dos religiosos, formação esta que, embora de forma atenuada, também se estendia para os fiéis. Como essas congregações fizeram de Maria uma imagem agente? Como se dá a educação da memória no interior dessas congregações?

Para responder a estas questões, a fim de observar as mudanças e as permanências nas congregações criadas no século XIX, parto das ideias de Frances Yates (2007) sobre a arte da memória como parte da Prudência e de Milton Almeida (1999, 2005), sobre um programa visual educativo desenvolvido pela Igreja Católica na Idade Média. Livros sobre a história das congregações ou de seus personagens, crônicas e regras compõem as fontes desta pesquisa.

Maria como imagem na Congregação de Nossa Senhora da Salette

Esta história começa com uma congregação formada por homens, encarregada de difundir um ideal de mulher e de feminilidade na figura de Maria. As aparições marianas tiveram sua idade de ouro nos séculos XIX e XX (PELIKAN, 2000), e uma delas é o centro da narrativa de fundação da Congregação dos Padres Missionários de Nossa Senhora da Salette. Um dos textos principia da seguinte forma:

Duas crianças da paróquia de Corps, com doze e treze anos de idade, um menino e uma menina, trabalhando em la Salette-Falavaux, viram, no dia 19 de setembro, um sábado, às 3 ou 4 horas da tarde, uma Dama, muito alta, vestida de branco, carregando uma cruz resplandecente sobre o peito e resplandecia ela mesma de um vivíssimo brilho. A aparição teve lugar a duas horas da vila da igreja, em um pequeno vale, coberto de grama, no meio das altas montanhas, com as circunstâncias que seguem (BASSETTE, 1965, p. 1)¹.

Depois de adormecerem após o almoço, os dois pequenos pastores acordaram e partiram para procurar o rebanho que havia se distanciado dali. Após encontrá-lo, retornaram para o local onde estavam e aí encontraram uma dama sentada sobre uma pedra. Ela chorava com o rosto entre as mãos. “Quando eles estavam próximos e diante desta Dama, eles escutaram sair de sua boca palavras impressionantes. Seu filho está irritado. Ele quer esmagar os homens... ela não pode mais segurar seu braço...” (BASSETTE, 1965, p. 1). O que provocava a cólera do seu filho era o trabalho aos domingos, o distanciamento e deserção das igrejas, as blasfêmias, a negligência e o abandono da oração. Ela lembrou-os de que, no ano anterior, tinha havido carestia na região e que naquele ano seria ainda pior, se não revertissem esse quadro. Finalmente, ordenou às crianças que levassem essa mensagem a todos, afastou-se alguns passos, elevou-se da terra e desapareceu diante de seus olhos.

As crianças narraram o ocorrido em 1846. Após inúmeras investigações, cartas dos bispos e do padre, análises de especialistas enviados pela Santa Sé, entrevistas com as crianças e com a população local, a Igreja considerou a aparição verdadeira, um fato, como atesta o título do livro do qual foi retirado o trecho acima, publicado pela primeira vez em 1955: *Le fait de La Salette*. O bispo de Grenoble atestou a certeza da aparição em 1851. Entretanto, desde 1847 o bispo já havia autorizado a publicação dos relatórios de investigação da aparição (STERN, 1984). Com a difusão da notícia e o início de peregrinações para o local, em 1852 foi formada a Congregação dos Missionários de Nossa Senhora da Salette, composta por um grupo de padres que seria responsável pela administração do santuário, construído no local da aparição, e também pela difusão do culto.

Quatro elementos importantes compõem esta primeira narrativa. A (1) narrativa em si, que carrega uma (2) imagem impressionante (a aparição), em um (3) local específico, que se transformou em local de culto e de peregrinação no qual se recorda a aparição, e (4) a mensagem que ela trouxe. A história que será aqui contada utilizará esses quatro elementos para compor uma trama, a fim de discutir a educação oferecida por congregações católicas do século XIX e do início do século XX. Uma educação via memória, que definia representações de gênero e que utilizava diferentes suportes para essa difusão.

Uma imagem de mulher que atravessou séculos também compõe esta história. Maria foi a personagem que mais concentrou, ao longo dos anos, variadas definições do

¹ Para os textos em francês, procedi à livre tradução.

feminino (PELIKAN, 2000). Para Pelikan, a definição da moralidade cristã passa pelas práticas ascéticas do fim da Antiguidade e pela definição do masculino e do feminino, para a qual a figura de Maria tem um papel essencial. Ao longo dos séculos, Maria já foi tomada como “aquela cheia de graça”, a segunda Eva, a mãe de Deus, a virgem abençoada, a “mater dolorosa”, modelo de fé.

Pelo magistério da Igreja Maria foi declarada ‘Theotokos’, Mãe de Deus (Éfeso, 431) e ‘Aei Parthenos’, sempre virgem (Sinodo Lateranense, 649). O dogma de 1854 declarou Maria livre do pecado original (Imaculada Conceição), e o de 1950 afirma que ela foi elevada ao céu em corpo e alma. Três dos quatro dogmas possuem expressão cristológica, e o quarto expressa a redenção perfeita e completa de Maria como criatura humana (HALKES, 1997, p. 275).

A construção das imagens de Jesus e de Maria são complementares e interdependentes ao longo da história. Afirmar a natureza divina e humana de Jesus passava pela discussão de sua concepção. Isso porque, na declaração dos três primeiros dogmas apontados acima, o que estava “em jogo era a dignidade de Cristo como Filho de Deus” (PELIKAN, 2000, p. 277).

Foi a partir de Bernard de Clairvaux, no século X, que sobressaiu a figura de Maria como indivíduo, possibilitando uma ligação pessoal entre ela e o fiel (HALKES, 1997). Nos séculos XIII e XIV, a veneração a Maria estava muito mais fora da liturgia pública que dentro dela (PELIKAN, 2000). Foram as ordens e as congregações que contribuíram para seu desenvolvimento posterior. Há indícios de que a Ordem dos Pregadores esteve ligada à prática do Rosário. O *Angelus* originou-se em 1269, com Bonaventura (ministro-geral da Ordem dos Frades Menores), que estabeleceu a prática de dizer uma ave-maria ao badalar dos sinos, assim como São Francisco o fizera². Dessa forma, é possível afirmar que, empreendendo um trabalho de racionalização das práticas de devoção popular, a Igreja, por meio das ordens e das congregações, constrói e difunde imagens que educam. Mas interessa-nos observar como era a Maria das congregações aqui estudadas e o que estava em jogo na difusão dessa imagem.

A Maria da montanha da Salette, construída (narrada, esculpida, desenhada e reproduzida em impressões diversas) após 1849, assemelhava-se a uma camponesa local, com os vestidos que lhe eram comuns e a touca. Trazia uma corrente no pescoço, de onde pendia um crucifixo com um martelo e uma torquês, instrumentos de trabalho dos camponeses da região. Essa imagem, aqui exposta na Figura 1, buscava uma identidade com os moradores da montanha e das redondezas. A produção dessas mulheres, reais ou imaginadas, respondia a jogos religiosos, políticos e étnicos que visavam conformar uma sociedade (FRAISSE; PERROT, 1991).

² O Rosário é uma oração católica em honra à Virgem Maria. O *Angelus*, toque dos sinos às seis, doze ou dezoito horas, relembra os católicos da anunciação.

Figura 1 - Nossa Senhora da Salette

Fonte: <http://www.igreja-catolica.com/nossa-senhora/oracao-a-nossa-senhora.php>
(Acesso 09 mai. 2011)

Sob muitos aspectos o século XIX foi um século de mudanças para as mulheres. Elas entraram nas fábricas, envolveram-se nos movimentos pela liberação dos escravos, reivindicaram o direito ao voto e o acesso à escolarização, promoveram as discussões feministas, entraram maciçamente para a vida religiosa na Europa. A representação totalizante da mulher do começo do século como mãe e esposa esfacelou-se progressivamente, e as identidades femininas se multiplicaram: mãe, trabalhadora, solteira emancipada, “são qualidades próprias a uma ou outra mulher, vividas frequentemente de modo contraditório, submetidas a tensões que anunciam a vida das mulheres do século XX” (DUBY; PERROT, 1991, p. 16).

Olhando para o século XIX, é possível perceber mudanças em ritmo acelerado, decorrentes da Revolução Industrial e suas consequências: desigualdades econômicas, crescimento das cidades, migração tanto para outros países quanto do campo para as cidades, pobreza, fome. A grande entrada de mulheres para a vida religiosa nesse século é tributária, em parte, dessas mudanças (LANGLOIS, 1984). Conforme demonstrou Rosado Nunes (1996), esse foi o momento em que a Igreja mudou seu discurso sobre a mulher, em direção à afirmação de que seu lugar é no lar e seu papel principal está em ser mãe. A constituição da família nuclear de tipo urbano também trouxe com ela a ideia da dona de casa e da esposa fiel como figuras emblemáticas da mulher. O discurso da Igreja e de setores conservadores estava determinado a enquadrá-las nesse papel específico de esposa e dona de casa, como decorrência “natural” do seu papel de mulher e mãe. Inseridas nesse molde, as mulheres serviriam como um dos instrumentos principais da

reconquista católica. No interior do lar trabalhariam a favor do catolicismo, educando os filhos dentro dessa moral e trazendo maridos desgarrados novamente para o seio da Igreja.

Com a separação dos poderes espirituais e temporais, a laicização dos estados e a secularização das sociedades, a Igreja Católica tinha de enfrentar a perda crescente de prestígio e de espaço político e também geográfico. As formas de enfrentamento foram variadas. Apesar dos embates internos, a política vencedora, o ultramontanismo, procurou principalmente pela centralização da Igreja nas mãos do papa, reaver posições perdidas. Duas estratégias ultramontanas são fundamentais para compreender a ação educativa das congregações aqui estudadas.

Uma delas foi a publicação da Encíclica *Quanta Cura*, acompanhada do *Syllabus errorum*, uma lista de 80 proposições que condenavam os chamados “erros modernos”, entre eles o liberalismo como corolário social do naturalismo. O *Syllabus* é considerado um marco e inscreve-se dentro de um problema maior: a disputa pelos estados pontifícios e a tentativa da Igreja de recolocar-se socialmente. A lista foi uma resposta a isso, mas também foi definidora de espaços onde se inscreviam diferentes tendências do mundo católico. Testemunha das inúmeras disputas internas, foi o que Congar (apud TRANVOUEZ, 1988) chamou de “inflação do magistério papal” desde o pontificado de Pio IX (1846-1878). Ou seja, a profusão de encíclicas, gênero inaugurado em 1740 para organizar, delimitar e determinar pensamento e ações comuns para os membros da Igreja. Também atesta as disputas internas a alternância de papas considerados abertos e sociais (como Leão XIII e Pio XI) e papas reacionários e religiosos (como Pio X e Pio XII). Pio XI, o papa autor da lista, foi uma personalidade cativante e objeto de verdadeira devoção pelos fiéis, exercendo um papel fundamental naquele momento de crise (TRANVOUEZ, 1988). Assim, as peregrinações a Roma eram estimuladas, os bispos retomaram as visitas *ad limina* e procurava-se formar noviços em Roma.

Ao mesmo tempo, com o clero secular enfraquecido, a Santa Sé abriu espaço para a fundação de novas congregações, permitindo o funcionamento de instituições religiosas menos rígidas que as tradicionais. Com regras mais *modernas*, mais abertas ao mundo, as congregações com superior ou superiora geral proliferaram pela Europa como um todo e com uma característica comum em diferentes países: mais mulheres entravam para a vida religiosa do que homens (LANGLOIS, 1984; MANGION, 2008; VILLARES, 2003). Em 1900, Leão XIII começou a estabelecer canonicamente congregações de votos simples através da *Conditae a Christo*.

As mulheres tornaram-se um elemento-chave do movimento de renovação da Igreja, no Brasil e no mundo. Para isso, muito contribuíram a imagem de Maria e a difusão de um culto da “verdadeira feminilidade” (GROSS, 1996). Além do estímulo à fundação de congregações, confrarias femininas deveriam substituir aquelas formadas por homens. Um público mais dócil e obediente, formado por mulheres, seria de mais fácil controle e de pouca penetração de ideias liberais e de discussões políticas (ROSADO NUNES, 1996). O controle do laicato masculino, das confrarias, por exemplo, far-se-ia por um processo de clericalização e de feminização do catolicismo, conforme destacou Rosado

Nunes. Os padres assumiriam o controle, seguindo rigidamente a hierarquia (submissão ao bispo e deste à Santa Sé). É exatamente o que se observa na história dos padres da montanha da Salette: uma congregação formada por homens, encarregada de produzir e difundir uma imagem de mulher. A feminização do catolicismo levaria à entrada da reza e da piedade no lugar da política. E, para isso, a melhor imagem de seguidora obediente do homem, de casta e de materna era a da Virgem Maria, imagem cheia de consequências para as mulheres.

Para Rosado Nunes (1996), a Igreja nunca procurou mudar o lugar social da mulher, só o apoiou sobre características tradicionalmente aceitas e a ela atribuídas como por natureza. As mulheres eram visadas, tanto pelos Estados quanto pela Igreja, como veículos difusores de ideias e padrões de comportamento no interior dos lares. Na própria escolha dos nomes das congregações criadas no período³, já se observa uma tendência alinhada à devoção mariana, entendida e estimulada pela Igreja como valorização de um modelo específico de mulher que culminou com o dogma da Imaculada Conceição, em 1854. Esse dogma marca a convergência objetiva do ultramontanismo e do movimento mariano, porque foi, nas palavras de Tranvouez (1988, p. 46), “proclamado solenemente pelo papa sozinho, diante de uma plateia de bispos reduzidos ao papel de espectadores, o novo dogma prefigurou a definição da infalibilidade papal”. Conforme Michaud (1991, p.127), para muitos foi um golpe midiático: “A mulher simbólica tornou-se um objeto, um instrumento do poder. Ela caçou as mulheres da vida. E, sob esta tirania, mais nada está em seu lugar”.

O Concílio Vaticano, aberto em 8 de dezembro de 1869 e fechado em outubro de 1870, conseguiu definir a infalibilidade papal pela constituição *Pastor Aeternus*, de 18 de julho de 1870. As aparições foram transformadas em espetáculos com cerimônias de coroamento, construção de novos lugares santos, reforma de santuários antigos e grande deslocamento de peregrinos para esses espaços. Nas paróquias encorajavam-se as devoções marianas, como a recitação do Rosário. A massa do povo afluía para os santuários e espaços de peregrinação, o que confirmava o ultramontanismo e lhe dava credibilidade (TRANVOUEZ, 1988).

Conforme assinalou Giorgio (1991, p.170),

Desde as primeiras décadas do século XIX, numerosos autores católicos formalizaram uma tendência particular, “histórica”, do catolicismo de direcionar as características sentimentais da feminilidade, enfim dissociadas de marcas muito corporais, quase carnis. Liberadas do laço de dependência entre estrutura fisiológica e substância psicológica, esse modelo ideal do feminino se propagou através da Europa pós-revolucionária. A alma feminina, diferente e complementar da alma masculina, se tornou para a Igreja da Restauração uma reserva de recursos civilizadores e possibilidades de conversão. Além disso, a alma feminina é necessária ao pleno desenvolvimento da “Humanidade”, tanto pelo idealismo clássico [...] quanto pelo romantismo e seu ideal de complementaridade harmoniosa no amor.

³ Ver Langlois, 1998.

Assim, a cultura católica do século XIX fundou a valorização do papel maternal sobre a figura de Maria. “A maternidade da Virgem apagou o erro de Eva. É desta imagem que procedem, conjuntamente, uma intensa devoção mariana e a recuperação da maternidade como valor” (ibidem, p. 195). A respeito do culto a Maria no século XIX, Corbin (2003, p. 464) ressalta:

Após 1850, a exaltação da figura do anjo, o crescimento do culto a Maria, a promulgação do dogma da Imaculada Conceição, a onda de devoções que conduz ao enaltecimento da personalidade de numerosos santos até então negligenciados e o recuo do antimisticismo anterior concorrem para exacerbar um sentimentalismo juvenil contido em seus impulsos pela negação circundante do corpo. A eclosão da mariofania, que se desenvolve em La Salette (1846) e Pontmain (1871), atesta a presença celeste e aumenta a frequência dos apelos. Essas imagens de Maria difundidas no Oitocentos foram forjadas para educar para papéis diferenciados pelo sexo e usadas como instrumento de poder pela Igreja e pelos Estados.

Maria como imagem agente

Yates (2007) explica que imagens agentes são aquelas que impressionam, marcam, se fixam na memória e têm a finalidade de lembrar o indivíduo seja de um texto, de uma frase ou de uma virtude. Nesse sentido, a Maria difundida no século XIX e aquela dos padres da montanha da Salette são imagens agentes, porque impressionantes, que permanecem na memória, favorecem a lembrança de determinadas virtudes e comportamentos. A difusão de uma metáfora do eterno feminino prescrevia modos de agir e de estar no mundo. É no resultado educativo/evangelizador, na lembrança que ela favorece que se pode considerar Maria como uma imagem agente. A criação de imagens agentes, que carregam consigo um conjunto de ideias, respondia a uma pedagogia da Igreja Católica muito anterior à criação dessas congregações e anterior até mesmo a um uso católico.

Yates descreveu a passagem da memória como parte da retórica, utilizada como técnica para a memorização (mnemotécnica), para a memória como parte da Prudência e, portanto, com fins morais. O ponto de virada, para esta autora, foram as reflexões sobre a memória produzidas por Alberto Magno e Tomás de Aquino, ambos dominicanos. A arte da memória teria vindo, segundo Yates, da Idade Média, com uma origem obscura anteriormente. De tais origens ela se propagou pelos séculos seguintes, ostentando a marca de um fervor religioso.

O *Ad Herenium* (texto anônimo atribuído a Cícero, na Idade Média, tanto por Magno quanto por Aquino)⁴, fonte por excelência para os estudos de memória, compõe as cinco partes da retórica⁵. Nesse tratado são apresentados dois tipos de memória: a natural e a artificial. Esta última se fundamenta em lugares (*loci*) e imagens. Para memorizar, “o primeiro passo era imprimir na memória uma série de *loci*, lugares” (YATES, 2007,

⁴ As três fontes clássicas, segundo Yates, são a *Institutio oratoria*, de Quintiliano; o *De oratore*, de Cícero; e o *Ad herenium*.

⁵ *Inventio, dispositio, elocutio, memória, pronuntiatio*.

p. 19), cujo tipo principal era o arquetônico, e aí se colocavam imagens que remetiam para o que se desejava lembrar. O que prescreviam os tratados era que essas imagens deveriam ser impressionantes, a fim de serem retidas pela memória. Dessa forma, elas agiriam auxiliando a lembrança. “Imagens agentes” impressionantes, posicionadas estrategicamente, em série, em um lugar específico: era isso que prescreviam os tratados clássicos. Como parte da retórica, a técnica servia diretamente ao orador. Yates lembra que “devemos pensar no orador antigo, movendo-se em imaginação, durante seu discurso, através de sua edificação construída na memória, extraindo dos lugares memorizados as imagens ali colocadas” (ibidem, p. 19).

Essas observações remetem diretamente aos sermões dos padres. De fato, este foi um dos usos da técnica proposto por Tomás de Aquino. No púlpito, a técnica poderia servir tanto para que o padre memorizasse sua prédica quanto para imprimir na memória dos fiéis as imagens impressionantes que carregavam consigo uma finalidade moral.

Em *De Inventione*, Cícero afirmou que a memória era parte importante da Prudência e elaborou as definições das virtudes, de onde derivou o que ficou conhecido como as quatro virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Constância e Temperança. Para Yates, foi na Idade Média que se processou efetivamente a transferência da memória artificial da retórica para a ética, com Alberto Magno (1193-1206) e Tomás de Aquino (1225-1274), porque ambos consideravam que o *Ad Herenium* também havia sido escrito por Cícero.

A memória, para Magno, não é repositório só de imagens, mas, também, das “*intentiones* tiradas dessas imagens pela faculdade avaliadora” (YATES, 2007, p. 89). As imagens carregam consigo intenções. Daí sua finalidade moral e educativa. Para Aquino, as intenções escapam facilmente à alma; portanto, é preciso que, através dos sentidos (especialmente a visão), se criem imagens e similitudes para que as **intenções de boas ações** sejam duradouras. Essas imagens devem estar gravadas em lugares. Deve-se apegar a elas com sentimento e meditar sobre elas, retornando sempre sobre as mesmas imagens e os mesmos lugares.

Até aqui, duas funções da memória aparecem ligadas à ética. Na primeira, a memória, porque compõe a Prudência, serve para lembrar o bom cristão do caminho correto, trata-se de uma pedagogia. Esta prática da memória é tomada como um **esforço individual** e estimulada como tal. Insiste-se nisso nos textos medievais, e a repetição deve ser estimulada em afrescos nas capelas e igrejas, em diversas pinturas sacras. Sua outra função é de servir como apoio aos oradores, como **técnica mnemônica**. Estes, por sua vez, em seus sermões, certamente se utilizavam da narrativa como veículo para construção e difusão de novas “imagens impressionantes” dirigidas aos fiéis a partir do púlpito⁶.

Ainda no século XVI, Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus, em seus *Exercícios Espirituais*, indicava o uso controlado, a manipulação sistemática de representações sensíveis e visuais com quadros imaginados como uma das três formas de chegar a Deus. Os *Exercícios* eram compostos por quatro semanas de uma série

⁶ Yates também apontou indícios de que o uso dessas técnicas também chegava ao público em geral por textos escritos por monges com essa finalidade.

ordenada e precisa de cenas da vida do Cristo. Eles pretendiam conduzir o devoto a uma comunicação com Deus. O sujeito estava presente na cena, ao lado dos acontecimentos, tendo o prazer de compartilhar daqueles momentos.

Milton Almeida (1999, 2005) já alertou sobre a construção de um programa visual arquitetado pela Igreja a fim de educar, pela memória, a memória. Esse programa se desenvolvia em capelas e igrejas, em diferentes afrescos. Imagens das virtudes, “imagens agentes impressionantes” que, registradas na memória, orientariam a ação e as intenções do sujeito.

Em que medida esse uso moral e pedagógico da memória permaneceu nas congregações do século XIX aqui estudadas?

A aparição de Maria para um dos fundadores dos Padres de Sion, Alphonse Ratisbonne, ilustrada na Figura 2, e as narrativas produzidas para divulgá-la nos dão pistas a esse respeito.

Figura 2 – Aparição de Maria a Alphonse Ratisbonne



Fonte: Arquivo dos Padres de Sion, São Paulo

A virgem vista por Alphonse era a mesma da medalha milagrosa de Catherine Labouré, irmã de caridade que, a partir de uma série de visões de Maria ocorridas em 1830, ditou como a medalha deveria ser cunhada com símbolos e frases específicas. Um livro dedicado ao público em geral também se ocupa de construir uma imagem impressionante do momento da aparição que levou Alphonse à conversão. Também neste caso, assim como no livro sobre a aparição na montanha da Salette, o autor teve o cuidado de procurar mostrar *os fatos*. A conversão de Ratisbonne é mostrada, ainda, como algo mais marcante, pelo seu afastamento de qualquer religião e por ter acontecido durante a viagem que precedia o seu casamento. Sua imagem é a mais reproduzida dentre as quase nove mil imagens digitalizadas disponíveis no arquivo dos padres de Sion em São Paulo.

Guitton, o autor do texto a seguir, propõe-se a “estudar” a conversão de Alphonse como “um fato psíquico em seu momento mais contraído” (Guitton, 1963, p. 05). Mas o mais interessante são suas considerações sobre o efeito que a medalha, aqui revelada na Figura 3, causa em quem a contempla. Afirma o autor que

estudando-se essa medalha, vê-se nela o que eu chamaria de um “micro-apocalipse”, isto é um ensinamento por imagens e alegorias (ordenadas, mas descontínuas) o que a Igreja Católica pensa virtualmente sobre a Mãe de Jesus Cristo. E esse ensinamento, como no gênero apocalíptico ou no gênero epistolar de S. Paulo, tem a característica de ser um espelho do todo. Uma síntese representativa, uma suma popular (GUITTON, 1963, p. 37).

Figura 3 – Medalha Milagrosa



Fonte: <http://catolicismobrasil.blogspot.com/2009/02/nossa-senhora-das-gracas-medalha.html> Acesso em 17 fev. 2011.

Para Guitton (1963, p. 38-9), a medalha traz em si a

essência da ideia cristã. Seu gênero de representação torna-a acessível tanto ao pensamento teológico como ao pensamento popular. Digamos, também, que esta medalha e os símbolos que ela continha, tão recapituladores do desenvolvimento antigo, se encontram [...] na origem da sistematização das visões marianas dos séculos 19 e 20. [...] é preciso ao espírito humano a ajuda de um símbolo sintético.

Aqui estão as ideias que Yates encontrou na memória com um uso moral e individual: imagens agentes que servem à memória para lembrar um conjunto de ideias. Além disso, Guitton (1963) acrescenta a ideia de “espelho do todo”. No desenvolvimento posterior da arte da memória, a ideia da memória como espelho do universo situa-se no Renascimento

(YATES, 2007). Desse modo, é possível afirmar a permanência dessas técnicas e desses procedimentos no século XIX e mesmo no século XX. Apesar da racionalidade presente nos textos tanto de Guitton quanto de Bassette, apelando para os fatos, as imagens agentes e o uso individual das técnicas permanecem. A questão central é o treinamento da memória para a recordação de determinados preceitos que nortearão a vida e as ações dos fiéis. Há uma mensagem transmitida pelas aparições marianas, e a própria aparição carrega consigo uma ideia de feminino e, portanto, uma maneira de ser mulher e uma forma de estar no mundo. Ao acionar a imagem de Maria, aciona-se, também, um sentimento, a ela relacionado, de docilidade, fragilidade, maternidade e submissão.

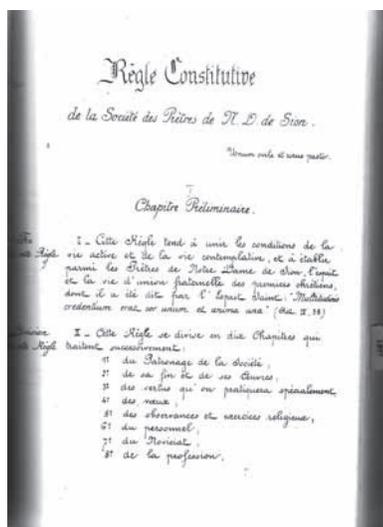
Construção da memória e educação: modo de usar no interior das congregações

Até aqui, imagens agentes impressionantes e o uso controlado da memória para torná-la um habitus moral orientado pela moral cristã aparecem como parte da Prudência. Mas como se dá efetivamente esse uso, em quais práticas elas aparecem?

Nas congregações do século XIX, as imagens agentes, reorganizadas em torno das aparições de Maria e seus lugares de memória, seguiram e avançaram para o século XX favorecidas pelo desenvolvimento da indústria e das técnicas. A imprensa e as linhas férreas contribuíram para a difusão e a circulação dessas imagens, bem como para o deslocamento de peregrinos para os santuários construídos nos locais dessas aparições. Textos, objetos, lugares e rituais para empreender uma educação da e pela memória são os suportes que configuram esta prática.

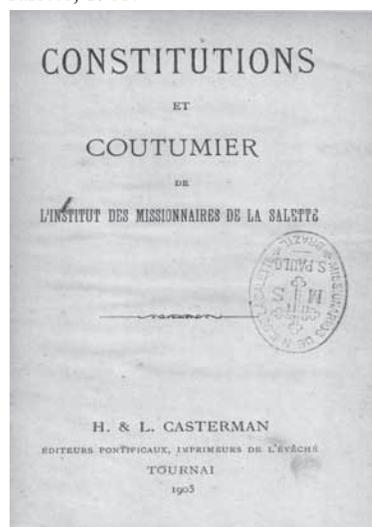
As regras das congregações também oferecem oportunidade para analisar as práticas de memória com fins educativos, tanto para os próprios religiosos como para os fiéis. Em geral, esses textos começam narrando sua fundação. As duas congregações – formadas por homens – que fazem parte desta pesquisa, os padres de Sion e os missionários da Salette, abrem seus textos com as imagens das aparições de Nossa Senhora, na obra *Règle constitutive de La Société des Prêtres de N. D. de Sion (MISSIONNAIRES..., 1867)*, exposta na Figura 4 e em *Constitutions et coutumier, Missionnaires de Notre Dame de La Salette (INSTITUT..., 1905)*, publicação aqui mostrada na Figura 5). Em seguida, expõem seus carismas e missões. Os textos restantes não diferem muito, mesmo entre as congregações formadas por mulheres, e indicam como é organizado todo o cotidiano da comunidade, com as obrigações diárias, semanais e mensais, aí contidas as prescrições sobre o uso e a construção da memória.

Figura 4 – Regras Constitutivas dos Padres Missionários de Sion, 1867.



Fonte: Arquivo dos Padres de Sion, São Paulo.

Figura 5 – Constituições e costumário do Instituto dos Missionários da Salette, 1905.



Fonte: Arquivo dos Saletinos, Curitiba.

Lendo as regras dessas congregações, acompanha-se o processo pelo qual se toma a pessoa em sua totalidade, organizando todo o seu dia, suas práticas e seus pensamentos, em torno da religião. Acompanha-se, também, o processo lento de abandono da antiga vida, excluindo gradativamente da memória familiares e amigos e preenchendo-a com outra vida, outra família. A regra dos saletinos prescreve: “[...] que se evite de falar de seu país, de sua família, de sua pátria, de uma maneira ostensiva para quem quer que seja, lembrando-se que se faz parte de uma só e mesma família” (INSTITUT..., 1905, p. 21). Bosi (1979, p. 333) afirmou que “por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda”. Daí a importância de a Igreja procurar controlar a memória individual em seus aspectos mais subjetivos, com vistas a transformar uma cultura, a cultura católica, em uma segunda natureza.

Nesse sentido, além de uma vida constantemente envolta por imagens agentes em quadros, altares, etc., o exame de consciência tem papel fundamental em cada uma das regras analisadas, e ele é feito ao menos uma vez ao dia. Assim sua finalidade é descrita nas Regras das Calvarianas:

Um dos meios mais eficazes para vos fazer avançar na santidade de seu estado é o exame de consciência; é através dele que os membros da Congregação obtêm as graças mais abundantes para se fortificar em sua vida espiritual, e recebem da solicitude e do zelo dos Superiores os socorros mais eficazes contra os perigos dos quais se deve garantir (CONGRÉGATION..., 1860, p. 2).

A prática vem da *Devotio Moderna*, de fins da Idade Média (HILSDORF, 2005), configurando uma “viagem pela memória” do dia, procurando aí o que se fez ou deixou de fazer. Os exames poderiam ser realizados individualmente, na presença do superior ou da

mestra de noviças ou, ainda, publicamente, diante de todos os membros da comunidade. Neste último caso, associado ao exercício da culpa. Ou seja, após o exame de consciência, o religioso ou a religiosa acusava-se, publicamente, das faltas cometidas. Nas Regras dos Saletinos há um detalhe que chama atenção, ao explicar como o exame deve ser realizado: “durante o tempo livre do exame particular, cada um deverá se colocar diante de Deus, [e observar] como tem apurado suas funções desde a véspera” (ibidem, p. 78). Dois elementos estão aí presentes. O primeiro é percorrer a memória para examinar como cumpriu suas obrigações. O segundo, que recorre à imaginação e ao uso de uma imagem, determina que o noviço se coloque diante de Deus, assim como nos *Exercícios Espirituais* e nas prescrições de Aquino.

As Regras das irmãs da Sagrada Família de Bordeaux, em seus “Usos e Costumes” (SAINTE FAMILLE, s/d) afirmam que elas seguem os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio. Os padres de Sion também afirmam segui-los. Como se viu, Inácio de Loyola indicava, nos *Exercícios*, o uso controlado e a manipulação sistemática de representações sensíveis e visuais, com quadros imaginados como uma das três formas de chegar a Deus. Estruturavam-se em quatro semanas, com uma série de cenas da vida de Cristo. Novamente reencontramos as imagens agentes impressionantes e um uso controlado da memória para educar, criar um *habitus moral*, utilizando a faculdade avaliadora, como pretendia Alberto Magno (YATES, op.cit.).

Além dos exercícios e do estímulo de um uso individualizado da memória, as Regras dos padres Saletinos lembram que nas salas comuns e no parlatório devia-se manter uma imagem grande ou estátua de Nossa Senhora da Salette e uma vista panorâmica do santuário na França. Não é difícil imaginar que, mesmo quando não determinado pelas regras, o cotidiano dos membros dessas comunidades religiosas era repleto de imagens em pinturas, esculturas, santinhos, relíquias. Imagens materialmente constituídas, imagens narradas em textos, e aquelas individualmente manipuladas por cada um, com o auxílio da imaginação, concorriam para que a memória dos noviços e das noviças fosse educada dentro da nova vida, abandonando antigas lembranças e hábitos. Somente após estarem impregnados por novas imagens e pela nova vida, os membros das congregações estariam aptos a difundir a nova fé com credibilidade. Da sua crença nessa fé dependia a eficácia em sua transmissão (BOURDIEU, 1999). Quanto mais acreditassem naquilo que afirmavam, mais chances tinham de convencer seu ouvinte. Hervieu-Lèger (1993) lembra que a capacidade de dizer a memória verdadeira é que consiste no centro do poder religioso.

Os padres da Salette e os padres de Sion eram missionários. A Igreja Católica, em seu empenho pela evangelização e pela universalização, estimulou desde muito cedo a *missão ad gentes*, que era impulsionada pela *Congregatio Propaganda Fide*, ou Congregação para a Evangelização dos Povos. Fundada em 1622, tinha como objetivo coordenar toda a atividade missionária da Igreja e propagar a fé católica em todo o mundo. Entre suas atividades, estava a responsabilidade pela aprovação das congregações e pela promoção da formação do clero⁷. Nos séculos XIX e XX, com a perda de espaços pela Igreja, os papas

⁷ Disponível em <http://www.fides.org/por/congregazione/storia.html>. Acesso em 12 ago. 2009.

empenharam-se em impulsionar congregações para evangelizar em diferentes regiões do globo. As congregações missionárias designavam padres para pregar publicamente em diferentes cidades. Nas Regras dos padres da Salette, vemos, no artigo 945, a descrição do plano da missão:

O plano da missão inclui instruções escritas sobre os seguintes assuntos: abertura da missão, salvação, palavra de Deus, zelo pela conversão do pecado, morte, julgamento especial, julgamento geral, inferno, céu, purgatório ou defuntos, respeito humano, blasfêmia, escândalo, misericórdia de Deus ou filho pródigo, confissão, constrição, firme propósito, confissão geral ou revisão, Nosso Senhor Jesus Cristo, sua paixão ou o caminho da Cruz, a Santa Virgem, Eucaristia, Missa, sacrilégio, necessidade da religião, Igreja Católica, sua autoridade, nossos deveres em relação a ela, prece, santificação do domingo, santificação das ações, quatro ou cinco instruções sobre a devoção à Nossa Senhora da Salette, perseverança (INSTITUT..., op. cit., p. 135).

Pode-se pensar este plano em quatro partes. A primeira diz respeito à importância de ouvir o orador: a salvação é o fim, e o caminho é seguir a palavra de Deus. A segunda parte traz imagens agentes impressionantes: morte, julgamento, inferno, céu, etc. A terceira parte chama o filho pródigo de volta a casa e aponta como se deve comportar para escapar do inferno ou purgatório; trata da confissão, da missa e das ofensas que não se podem cometer contra a Santa Igreja. Com isso, chega-se ao final e ao ápice da pregação e apresenta-se a devoção a Nossa Senhora da Salette. Assim, novamente e como já se pôde observar para o caso das imagens contidas nos textos, o pregador constrói e divulga uma ética severa por meio das imagens, separando virtudes e vícios, ligados a um sistema de punições e recompensas. As instruções das Regras também afirmavam que essa sequência poderia ser adaptada conforme os costumes dos locais onde seria pregada.

Finalmente, além de pregar, alguns membros dessas congregações eram destacados para construir as memórias de suas comunidades, que seriam difundidas em anais e crônicas. A esse respeito, as Regras dos Saletinos expressam-se da seguinte forma: “cada membro da Congregação se interessará pela redação e difusão dos Anais ou do Boletim de nossas obras. O redator desta revista deverá submeter a tempo o manuscrito de cada entrega a seu Superior, que o examinará com um Padre de sua escolha” (INSTITUT, 1905, p. 56). Esta tarefa tem destaque em todas as regras, e é importante notar que o trecho descrito compõe o artigo IV da Regra dos Saletinos, todo ele dedicado à Obediência. Assim, além do exame de consciência, da difusão de imagens, a produção e a circulação de imagens em textos também compunham as práticas dessa educação.

Permanência da memória como dever individual e como possibilidade de renovação

Há um dever de memória nas congregações. Halbwachs (1965) já havia sublinhado o caráter essencialmente normativo da memória religiosa, que caracteriza, também, toda memória coletiva e se constitui triando, selecionando, esquecendo e mesmo inventando. É uma memória movediça e evolutiva, que tem por objetivo funcionar como regulação da lembrança individual. No princípio de toda crença religiosa, há a crença na continuidade

da descendência de crentes (HERVIEU-LÉGER, 1993). É isso que esta memória se esforça por fazer: construir sua descendência.

Com isso, retornamos aos textos com imagens impressionantes escritos por Bassette e Guitton, cujos trechos foram destacados anteriormente. Não é possível afirmar uma continuidade direta das práticas da memória propostas por Magno e Aquino até o século XIX, mas a permanência de três elementos identificados por Yates é inegável: as imagens agentes, o uso individual da memória e a manipulação consciente da memória. Eles estão presentes na retórica do missionário, na produção de textos diversos e nos exercícios individuais. Nas congregações fundadas ao longo do século XIX, passando por sua apropriação pela *Devotio Moderna*, ainda se encontra a prescrição do uso da memória e da recordação como fundamento da ética católica e como um exercício individual. No século XIX não há uma substituição do uso individual da memória pelo coletivo. O coletivo está presente somente na massa que se move solene e lentamente nas procissões e peregrinações. Conforme já observou Elias Canetti (1995), é preciso a lentidão para que a massa não se torne incontrolável. No período aqui referido, assim como na Idade Média, ainda ocorria a prescrição do uso da memória e da recordação como fundamento da ética católica e como um exercício individual.

No século das aparições marianas, uma imagem de mulher foi difundida pela Igreja. A produção dessas imagens em narrativas estava, sobretudo, nas mãos dos homens, dos padres, a exemplo dos Saletinos, que coordenavam o santuário de Nossa Senhora da Salette, na França. Embora houvesse uma pequena possibilidade de intervenção das religiosas nesses textos, elas se dedicavam muito mais ao labor da produção de pequenos objetos e à construção da memória pautada na oralidade. Como já atestaram diversos trabalhos sobre a educação da mulher naquele século, ela era muito mais ensinada a ler do que a escrever. Sua tarefa de mãe ou de esposa, ainda que espiritual, como no caso das freiras, não prescindia da escrita.

Mas é preciso lembrar que, nesse caminho da educação da e pela memória dentro das congregações, desde o controle e a manipulação da memória em exercícios diversos, até as missões e a produção de textos com imagens, não se pode ver somente uma produção restrita e uma educação sem brechas. Como já foi afirmado, a estrutura e a hierarquia congregacionista exigiam que esses textos passassem por várias instâncias, até que fossem publicados para uso também de leitores leigos. É nesse percurso de produção das imagens e das memórias que interferências e interesses diversos se fizeram presentes, agindo a favor de uma ou de outra decisão. Frequentemente a matéria-prima dos textos oferecidos ao público foi colhida em relatórios regionais, memórias locais, relatos dos superiores locais sobre as noviças e os noviços, o dia a dia da comunidade e os trabalhos assumidos, o momento da morte de um religioso, a abertura de uma nova casa. Assim, diversas reescritas, sobreposições de camadas e entrelaçamentos os compõem. Faz parte desta educação e da passagem por várias hierarquias a possibilidade de intervenção na instituição. É justamente nessa reconstrução, durante o próprio processo de educação da e pela memória, que reside a possibilidade de a Igreja Católica se renovar, se atualizar, se universalizar, incorporando elementos dos países para os quais essas congregações partiram. Conforme já afirmou Boureau (1993), é nessa reconstrução constante que reside o “poder coletivo do cristianismo”. Na memória ele se apoia.

Referências

- ALMEIDA, Milton José de. A educação visual da memória. Imagens agentes do cinema e da televisão. *Pro-Posições*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 5-18, 1999.
- _____. O triunfo da escolástica. A glória da educação. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 90, n. 26, p. 17-39, jan.-abr. 2005.
- BASSETTE, Louis. *Lefait de la Salette*, 1846-1854. Lettre-Preface de Son Exc. Monseigneur Emile Guerry, archevêque-coadjuteur de Cambrai. Paris: Les Éditions du Cerf, 1965.
- BOSI, Êclea. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: TAQ Editor, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BOUREAU, Alain. *L'événement sans fin*. Récit et christianisme au Moyen Age. Paris: Les Belles Lettres, 1993.
- CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- CONGRÉGATION DE NOTRE DAME DU CALVAIRE. *Règles des Religieuses de la Congrégation de Notre Dame du Calvaire*. Paris: Imprimerie Adrien le Clere, 1860.
- CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada*. V. 4. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 464.
- DUBY, Georges ; PERROT, Michelle. Prèface. In: DUBY, Georges ; PERROT, Michelle (Org.). *Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plon, 1991. V. 4.
- FRAISSE, Gèneviève; PERROT, Michelle. La production des femmes imaginaires et réelles. In: DUBY, Georges ; PERROT, Michelle (Org.). *Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plon, 1991. V. 4. p.120-124.
- GIORGIO, Michela de. La bonne catholique. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plon, 1991. V. 4. p.169-197.
- GROSS, Rita M. *Feminism and religion*. An introduction. Boston: Beacon Press, 1996.
- GUITTON, Jean. *Conversões dos irmãos Ratisbonne, Theodore Maria Ratisbonne e Alphonso Maria Ratisbonne*. Fundadores da Congregação dos Religiosos e das Religiosas de Nossa Senhora de Sion. 1963.
- HALKES, Catharina J. M. Maria. In: GÖSSMANN, Elisabeth et al. *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion pour mémoire*. Paris: Les Editions du Cerf, 1993.
- HILSDORF, Maria Lúcia S. *Pensando a educação nos tempos modernos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- INSTITUT DES MISSIONNAIRES DE LA SALETTE. *Constitutions et coutumier*. Tournai: H & L Casterman, 1905.
- LANGLOIS, Claude. *Le catholicisme au féminin*. Les congrégations françaises à supérieure générale au XIXe siècle. Paris: Les Editions du Cerf, 1984.

- MANGION, Carmen M. *Contested identities*. Catholic women religious in nineteenth-century England and Wales. Manchester: Manchester University Press, 2008.
- MICHAUD, Stéphane. Idolâtries. Représentations artistiques et littéraires. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Org.). *Histoire des femmes en Occident*. Paris: Plon, 1991. V. 4. p. 126-145.
- MISSIONNAIRES DE NOTRE-DAME DE SION. *Règles constitutives de La Société des Prêtres Missionnaires de Notre-Dame de Sion*. Manuscrito, 1867.
- PELIKAN, Jaroslav. *Maria através dos séculos*. Seu papel na história da cultura. São Paulo: Cia das Letras, 2000. 350p.
- ROSADO NUNES, Maria José F. Le 19e siècle: un tournant dans l'Église catholique et dans la vie des femmes au Brésil. *Social Compass*, v. 43, n. 4, p. 503-513, 1996.
- SAINTE FAMILLE DE BORDEAUX. *Livre Correspondances. Esperance. Maison de São Paulo, 1908-1940*. Manuscrito.
- STERN, Jean. *La Salette*. V. II : Documents authentiques. Fin mars 1847 – avril 1849. Paris : Les Éditions du Cerf, 1984.
- TRANVOUEZ, Yvon. *Catholiques d'abord*. Approches du mouvement catholique en France, XIXe – XXe siècle. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1988.
- VILLARES, Artur. *As Congregações religiosas em Portugal (1901-1926)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.
- YATES, Frances A. *A arte da memória*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

Recebido em abril de 2012
Aprovado em julho de 2012